

## ARQUITETURAS EM BUSCA DE ENQUADRAMENTO: Classificação de fachadas Raio que o parta e coetâneas nos bairros do Marco e da Pedreira, em Belém (PA)

### RESUMO

Este artigo trata da apropriação popular da arquitetura moderna no Pará - particularmente aquela cujas características aludem ao que se convencionou chamar de “Raio que o parta” e os exemplares coetâneos que possuem semelhanças como o uso de mosaicos, azulejos e cobogós coloridos e platibandas recortadas que imitam raios. Dado que pesquisas mais recentes apontam para a difusão expressiva e o crescente índice de apagamento desses exemplares em Belém e em outros municípios paraenses, pretendemos quantificar os imóveis cujas fachadas remetem à arquitetura Raio que o parta dentro dos bairros do Marco e da Pedreira, identificando, por meio de mapeamento online e pesquisa de campo, o índice de alterações empregadas (bem como o estado de conservação das fachadas) e classificando, através da análise comparativa, os exemplares encontrados de modo a contribuir com o melhor enquadramento da arquitetura “Raio que o parta” e suas ocorrências similares dentre as manifestações do modernismo popular.

**Palavras-chave:** Modernismo popular; Raio que o parta; arquitetura; classificação.



## Introdução

A arquitetura popular de meados do século XX se apropriou da gramática moderna de maneira tão ostensiva no Brasil que ainda em nossos dias somos surpreendidos com a descoberta de obras que compõem o lado B do modernismo. No Pará, as residências construídas ou reformadas por não-arquitetos manifestaram uma forma peculiar de representar a influência do novo estilo em suas fachadas, incorporando platibandas decoradas com bumerangues, formas geométricas, raios e outros desenhos feitos através do corte e composição de azulejos multicoloridos. Não tinha nome até ser apelidada de Arquitetura do Raio que o parta (MELLO JUNIOR, 1966), em referência aos raios inusitados e ao local metafórico e pejorativo para onde os arquitetos gostariam de mandá-la, sob a afirmação de que eram obras cafonas e de mau gosto.

O tema vem sendo pesquisado no campo da Arquitetura e Urbanismo desde os anos 90, e um dos principais objetivos dos que já o abordaram é o de compreender a relevância Raio que o parta para a cultura paraense pois, além do significativo número de residências que ainda podem ser encontradas, compreende um estilo de assimilação que não encontra semelhança fora do estado do Pará até o momento. Além disso, tem-se observado o potencial de apagamento desses exemplares, justificado pelos usuários através do desejo de modernização de seu aspecto e estrutura.

Nos exemplos ilustrados por autores que estudam o Raio que o parta e nos mapeamentos feitos em três bairros de Belém, percebemos que essa arquitetura tem na diversidade a sua principal característica, seja pelos desenhos dos painéis, seja por sua localização na fachada e por outros elementos assimilados da arquitetura moderna que são empregados muitas vezes a título de composição estética, como finas colunas metálicas em V, empenas laterais recortadas e platibandas assimétricas que lembram raios ou os telhados borboleta. Da mesma forma, é possível identificar um número igualmente considerável de casas “modernosas” (LARA, 2005) sem painéis ou desenhos, mas com alguns dos elementos modernos já descritos.

Para encontrar o limite que determina as características próprias do que conhecemos como Raio que o parta e de outras expressões coetâneas, propomos a discussão apresentada neste artigo, resultado de uma pesquisa de mapeamento de fachadas durante os anos de 2020 e 2021. Pretendemos quantificar os imóveis cujas fachadas remetem à arquitetura Raio que o parta dentro dos bairros do Marco e da Pedreira, identificando o índice de alterações empregadas (bem como o estado de conservação das fachadas) e classificando, através da análise comparativa, os exemplares encontrados de modo a contribuir com o melhor enquadramento da arquitetura “Raio que o parta” e suas ocorrências similares dentre as manifestações do modernismo popular.



## Identificando as assimilações da arquitetura moderna

A necessidade de melhor compreender as formas de assimilação da linguagem moderna na arquitetura paraense é destacada pelos autores que se dedicaram a estudar o Raio que o parta, notadamente Barcessat *et al.* (1993), Santos (1995), Carvalho e Miranda (2008), Cardoso (2012), bem como a pesquisa de Vidal (2004, 2008) acerca dos desdobramentos do modernismo em Belém, capitaneado por engenheiros civis como Camilo Porto de Oliveira. Há uma preocupação em classificar esse fenômeno que foi idealizado por engenheiros civis, desenhistas, mestres-de-obras, pedreiros e moradores que se reuniam para quebrar os azulejos e criar os desenhos que formariam os painéis. Carvalho e Miranda chamam de modernismo de fachada; Barcessat *et al.* e Santos acreditam se tratar de uma arquitetura kitsch que incorporou referências das obras eruditas e de autor, adaptando-a com os materiais disponíveis. Essa afirmação é reiterada por Cardoso em sua dissertação em 2012, embora o foco seja a valoração do Raio que o parta enquanto patrimônio cultural.

A relação entre erudito e popular na arquitetura moderna paraense e a valoração de exemplares feitos por não-técnicos foi tema da dissertação de Rodrigo Lima Rodrigues pelo PPGAU em 2019, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Celma Chaves Pont Vidal, que coordena o Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA. Em “As variações do morar moderno e a assimilação da arquitetura moderna em residências de Belém entre 1940 e 1970”, o Raio que o parta entra como uma das formas de assimilação do modernismo na arquitetura, pois o autor selecionou diversas tipologias residenciais que emprestam elementos e soluções modernas no intuito de compreender a relação entre as produções feitas por técnicos e não-técnicos.

A apropriação popular do moderno em residências é mais evidenciada em estudos com denominação raio-que-o-parta, essa representação da arquitetura, ainda presente na cidade de Belém com a composição de mosaicos de azulejos nas fachadas, que em sua maioria com desenhos de raios. (RODRIGUES, 2019, p. 46)

Como metodologia, buscou “exemplares com elementos evidentes do ‘moderno’”, usando um recorte temporal associado à abordagem histórico-interpretativa para produzir informações e reflexões sobre o tema. Entre as etapas, descreve a pesquisa bibliográfica, seleção dos exemplares, levantamento de pranchas de projeto e fotografias das residências, entrevistas, levantamento físico e sistematização por meio de CAD e análise tipológica com base na proposta de Gastón e Rovira em *El proyecto moderno*. Pautas de investigación (2007).

Entendendo que o modernismo na arquitetura foi assimilado gradualmente em Belém, a começar pelos grupos sociais de maior poder aquisitivo e seguido pela classe popular, afirma que esta o fez principalmente pela reforma de fachadas com eleição de elementos estético-formais modernistas, tendo



maior expressividade nos anos 50. Tem como fundamentação o trabalho de Fernando Lara, que usa as terminologias “reapropriação”, “revisão” e “replicação” para tratar da arquitetura produzida pela população de forma empírica.

A relação da arquitetura moderna erudita e popular se deu de duas maneiras notadas na pesquisa de residências, primeiramente a erudita como referência para as reformas de fachadas executadas por não-técnicos e a prática projetual por não-técnicos com certa habilidade com o desenho, projetaram suas próprias residências com parcerias consentidas com técnicos, engenheiros, e por talento autodidata para executar tal façanha (RODRIGUES, 2019, p. 133)

Rodrigues cita a exposição “Arquitetura sem arquitetos” de Bernard Rudofsky em 1964 que propunha um novo olhar às habitações vernaculares que são colocadas como alternativas ao moderno por atribuir significados e vitalidade aos locais em que se produzem. A cultura popular e local ganha mais destaque em sua colaboração com Venturi e Izenour no livro *Aprendendo com Las Vegas*, associadas ao consumo e ao kitsch.

Como se observa, o volume de pesquisas relacionadas ao tema vem aumentando nos últimos anos. Nesse sentido, os estudos atuais sobre o Raio que o parta visam não apenas mapear os exemplares existentes em Belém e em outros municípios paraenses, como compreender a percepção daqueles que idealizaram e/ou vivem nessas residências, visto que atuam diretamente na permanência ou apagamento das obras. Da mesma forma, a crescente apropriação visual dessa arquitetura por profissionais e estudantes de arquitetura e design motiva uma reflexão sobre o processo de ressignificação e seus efeitos na preservação ou desaparecimento dos exemplares catalogados.

Importa ressaltar que a variedade de fachadas ilustradas nessas pesquisas nos mostra casos que merecem melhor definição. Por isso, propomos neste trabalho iniciar uma classificação que sistematize as principais características da arquitetura moderna assimilada em Belém, tendo como ponto de partida dois bairros da cidade: o Marco e a Pedreira. É sugerido no trabalho o levantamento de residências Raio que o parta nos demais bairros de Belém para dar continuidade à pesquisa que mapeou os bairros da Cidade Velha, Telégrafo e Umarizal, além da possibilidade de análise comparativa através da morfologia de fachadas e composição de painéis.

O estudo sobre a arquitetura Raio que o parta requer uma abordagem explicativa, haja vista que ela é mais bem compreendida a partir da perspectiva de pessoas que participam de grupos diferentes e que guardam relação com o objeto de estudo. Nesse aspecto, a etnografia tem se mostrado uma ferramenta eficaz de percepção e análise, pois descreve as práticas a partir de observação e conversas com esses indivíduos.



Utilizamos, portanto, a Etnografia de rua proposta por Rocha e Eckert (2003), através da criação de itinerários urbanos para observar as interações entre moradores e as casas Raio que o parta. Essa abordagem tem se mostrado válida tanto para identificação de exemplares Raio que o parta quanto a percepção das formas de valor atribuídas pelos indivíduos que habitam nessas residências e/ou são seus proprietários.

A aplicação do método foi ajustada para sistematizar os dados coletados, considerando a possibilidade de identificar um número expressivo de casas (Raio que o parta e coetâneas) nos dois bairros. Assim, a etnografia teve duas etapas:

- 1) A do percurso *online*, quando as “caminhadas” eram feitas com o propósito de identificar as casas em questão. Esses exemplares são listados e organizados no *Google Maps* em roteiros de até dez casas com base na aproximação entre cada endereço;
- 2) A do percurso *in loco*, momento em que partimos ao campo para registrar os imóveis identificados na etapa anterior a título de verificação de permanências e apagamentos, bem como conversar com os moradores ou proprietários dos imóveis. Ao final, as casas são atualizadas no mapa conforme se verificam casos de apagamento. As entrevistas semiestruturadas seguiram o mesmo roteiro estabelecido durante o mestrado, permitindo outras perguntas conforme o diálogo fornecia informações pertinentes à pesquisa. São as seguintes:
  - a. O morador/proprietário construiu a residência?
  - b. Qual a época de construção?
  - c. Houve projeto de engenheiro ou arquiteto?
  - d. Gosta da residência e dos desenhos? Por quê?
  - e. A casa foi alterada? Por quê?
  - f. Pretende modificar? Por quê?

A seguir, é expandida a análise para uma região localizada a uma porção um pouco mais ao norte da cidade e relativa aos limites centrais da primeira légua patrimonial da expansão de Belém no século XX. Para este estudo, foram analisadas 84 fachadas de residências com referências Raio que o parta distribuídas em 29 vias que atravessam os bairros do Marco e da Pedreira em Belém. As ocorrências Raio que o parta foram analisadas comparativamente através de fotografias feitas em anos diferentes (seja pelo software *Google Street View*, seja por visita de campo), com o intuito de identificar o índice de alterações e grau de conservação a elas relacionados. Por isso, todas as imagens capturadas e expostas a fim de comparação no trabalho em questão datam entre 2012 (registro do Google) e 2021 (registro das autoras).



Após o mapeamento virtual, foram definidos roteiros em função da proximidade entre as casas e da possibilidade de cobrir o registro fotográfico das fachadas em até 5 dias por bairro. Neste momento, foram registradas as permanências e apagamentos das casas Raio que o parta e coetâneas para serem devidamente identificados em mapa virtual, criado através do aplicativo Google Maps. Neste mapa, os exemplares são distinguidos pelas cores verde (permanência) e vermelha (apagamento) e pelos símbolos de raio (casas Raio que o parta) e casa (fachadas coetâneas).

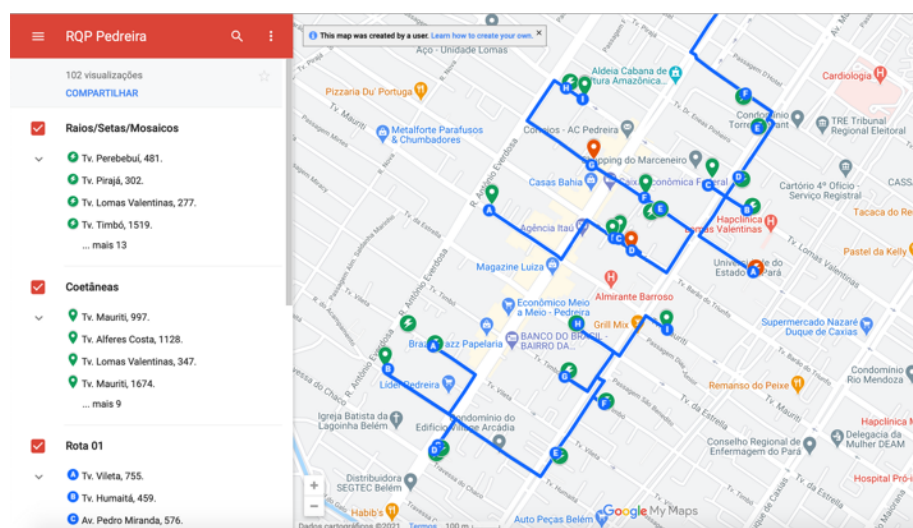


Figura 01. Mapa com a inserção das fachadas RAIO QUE O PARTA e coetâneas encontradas no bairro da Pedreira  
Fonte: Autoras, 2021

## Classificando o modernismo popular

De acordo com a bibliografia acerca do tema, considera-se uma fachada como Raio que o parta quando apresenta as seguintes características:

- Revestimento RQP em mosaico de azulejo multicolorido (em painéis ou nas platibandas);
- Desenhos geométricos em azulejo ou chapisco em cimento (raios, setas, estrelas cadentes, símbolos maçônicos, bumerangues, etc.).

Há, contudo, outros elementos que podem estar presentes nesses casos:

- Platibandas assimétricas (escalonadas, em estilo telhado borboleta ou formato de raio);
- Planos inclinados (empenas, marquises ou brises);
- Finas colunas em V (em metal ou PVC);
- Pastilhas e cobogós coloridos;
- Dutos de ventilação.



A casa Raio que o parta dos bairros em questão possui variedade de desenhos empregados nos painéis de cacos de azulejos, incluindo raios e composições abstratas orgânico-geométricas, encontradas em diversos pontos da fachada. As referências mais indiretas contam com aspectos tais como presença de recorte de platibanda, azulejos antigos dispostos nas fachadas, ou que contornam as platibandas, e figuras geométricas decorativas em concreto.

Devido à variedade na qual as alusões Raio que o parta são incorporadas nas casas mapeadas, classificou-as também inicialmente em três grupos: alusão aos raios, composição por mosaico e referência Raio que o parta. O primeiro grupo conta com as casas que apresentam painéis com figuras orgânicas e geométricas em azulejos quebrados, o segundo incorpora as residências que possuem composições em mosaico de azulejos coloridos quebrados, porém não expressam desenhos, e o terceiro abrange os exemplares que se vinculam à arquitetura Raio que o parta apenas por alguma referência que difere das incluídas nos outros dois grupos. A seguir adotou-se o termo “coetâneas” para as fachadas que transmitem aspectos do Raio que o parta de modo mais indireto como tentativa de estabelecer classificação para o que seria essencialmente Raio que o parta e o que seria apenas referência.

O índice de conservação das fachadas, com o intento de garantir maior compreensão sobre o real estado, foi classificado neste trabalho em três possibilidades: eliminação drástica, encobrimento parcial e permanência. A primeira possibilidade se refere aos exemplares que tiveram suas características Raio que o parta totalmente retiradas ou modificadas, deixando então de ser possível identificar tais referências. A segunda se refere às residências que encobriram ou modificaram parcialmente suas referências, de forma que ainda é possível inferir relação com a arquitetura Raio que o parta, porém com maior dificuldade. A terceira, por sua vez, faz referência às casas que permanecem com suas características passíveis de identificação Raio que o parta com grau mínimo de modificação quando comparadas às fotografias de períodos diferentes.

A região do bairro do Marco onde se encontra menor número de exemplares Raio que o parta é justamente a porção sudeste (proximidades dos bairros de Canudos, Terra Firme e Curió-Utinga), área caracterizada por ocupação mais recente em relação às demais e organização espacial mais orgânica e espontânea. As demais regiões existem em trama mais regular (característica de bairro planejado) e com ocupação mais antiga; nessas regiões encontramos o maior número de exemplares Raio que o parta. A via que mais apresentou exemplares Raio que o parta foi a avenida Rômulo Maiorana, com um total de 9 fachadas, seguida pelas travessas Perebebuí e Mauriti, cada uma com 6 exemplares.



### Bairro do Marco

Lotes que abrigam residências com fachada RQP



**Figura 02. Mapa com os exemplares Raio que o parta no bairro do Marco**

*Fonte: CODEM, adaptado pelas autoras, 2020*

A classificação em relação à conservação das fachadas no Marco se apresenta com grande número de exemplares em estado de permanência, sendo 40 exemplares ao todo (75,47%). As casas que sofreram algum tipo de modificação se dividem em 5 residências com eliminação drástica das características Raio que o parta (9,43%) e 8 residências com encobrimento parcial (15,10%). Dentre os exemplares classificados em estado permanente, o grau de ocupação encontrado foi de 75% (total de 30 casas), enquanto o grau de desocupação obtido foi de 25% (10 casas ao todo).

A classificação devido ao tipo de alusão Raio que o parta no Marco conta com grande número de exemplares contidos no grupo “referência Raio que o parta”, sendo 28 exemplares (52,83%). As referências mais diretas se distribuem entre 10 “alusões aos raios” (18,87%) e 15 “composições por mosaicos” (28,30%). As vias que mais apresentaram situação de apagamento de seus exemplares Raio que o parta foram a Avenida Perimetral e a Travessa Angustura no Marco, com apagamento de dois exemplares pré-existentes (sendo um encobrimento parcial e uma eliminação drástica) em cada uma.





**Quadro 01. Fachadas no Marco com alusão aos raios**

*Fonte: Autoras, 2020*



**Quadro 02. Fachadas no Marco com composição por mosaico**

*Fonte: Autoras, 2020*

Quanto ao bairro da Pedreira, observa-se que poucos exemplares Raio que o parta foram encontrados na porção norte (vizinhança com os bairros da Sacramento e do Souza) caracterizada por organização mais espontânea. Os exemplares de modo geral distribuem-se pelas demais porções do bairro, grande concentração no entorno das Avenidas Pedro Miranda e Marquês de Herval é observada, essa região é caracterizada por trama regular tal qual o Marco e com grande número de vias de penetração. A via com maior número de exemplares foi a Travessa Angustura com 5 fachadas, seguida pelas Travessas Barão do Triunfo e Lomas Valentinas com 4 exemplares cada.



### Bairro da Pedreira

 Lotes que abrigam residências com fachada RQP

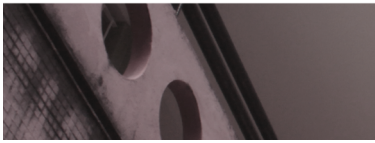


**Figura 03. Mapa com os exemplares RAIO QUE O PARTA no bairro da Pedreira**

*Fonte: CODEM, adaptado pelas autoras, 2021*

Nesta região, há grande percentual de exemplares em estado de permanência, constituindo 27 exemplares ao todo (87,10%). As casas que sofreram algum tipo de modificação se apresentam como 1 residência com encobrimento parcial (3,22%) e 3 residências com eliminação drástica das características Raio que o parta (9,68%). Dentre os exemplares classificados em estado permanente, o grau de ocupação encontrado foi de 89,29% (total de 24 casas), enquanto o grau de desocupação obtido foi de 10,71% (3 casas ao todo).

A classificação neste bairro conta com grande número de exemplares contidos no grupo “referência Raio que o parta”, sendo 12 exemplares (38,71%). As referências mais diretas se distribuem entre 10 “alusões aos raios” (32,06%) e 9 “composições por mosaicos” (29,03%).



**Quadro 03. Fachadas na Pedreira com alusão aos raios**

*Fonte: Autoras, 2020*



**Quadro 04. Fachadas na Pedreira com composição por mosaico**

*Fonte: Autoras, 2021*

Foi identificado um número pequeno de apagamentos na Pedreira totalizando 3 fachadas com eliminação drástica, sendo duas localizadas na Travessa Angustura e uma na Travessa Barão do Triunfo, e uma com encobrimento parcial localizada na Travessa Angustura 1822.

Seis residências apresentaram situações bem específicas que serão destacadas a seguir, sendo respectivamente quatro no bairro do Marco e duas na Pedreira. A casa situada na Trav. Vileta, 1846, foi encontrada com apenas a sua fachada erguida, o restante dela havia sido demolido deixando o terreno completamente exposto. A



casa localizada na Trav. Humaitá, 2380, apresenta-se em igual situação. A terceira singularidade estabeleceu-se na Trav. Vileta, 2257, onde a residência apresenta uma estrutura sob outra de mesma natureza. A platibanda onde se encontra o painel com os cacos de azulejos se encontra sobreposta por uma outra platibanda, dessa forma é dificultada a visualização da arquitetura Raio que o parta caracterizando, assim, grau de apagamento (encobrimento parcial). A quarta se encontra na Trav. Mauriti, 2921, os mosaicos foram encontrados em espelho d'água no jardim da residência. A quinta e última peculiaridade se apresenta nas casas localizadas na Travessa Mauriti 1674 e na Travessa Humaitá 459, ambas incorporam a forma semelhante a raios no formato de suas fachadas, saindo assim dos limites de platibanda, revestimento de paredes retangulares ou ornamentos em menores proporções.

Nesse contexto de apagamento e conservação das fachadas Raio que o parta observou-se a revelação de um exemplar através da ação do tempo, a casa localizada na Av. Pedro Miranda nº 576 se apresenta no Google Street View no ano de 2012 com sua platibanda azulejada revestida por mais algumas camadas de pintura, porém a existência de mosaico em azulejos coloridos adornando o acesso principal permitiu detectar a assimilação Raio que o parta. Conforme o passar dos anos, as imagens disponíveis pelo site revelam o desgaste da tinta presente na platibanda, o que expõe a presença de desenhos geométricos de setas em mosaicos de azulejos coloridos.

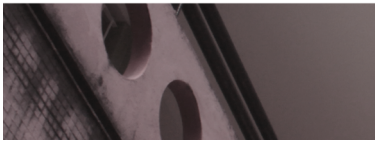
Observou-se também a assimilação das características Raio que o parta em residência localizada na Av. Marquês de Herval nº 2011: a imagem datada em maio de 2012 mostra a residência sem qualquer uma das características aqui apresentadas como parâmetros de análise, todavia as imagens disponíveis a partir de junho de 2017 apontam modificações capazes de aproximar a tipologia da fachada em questão ao Raio que o parta. Ergueu-se uma platibanda, contornou-a e decorou-a com pastilhas coloridas. Importante destacar que essa ocorrência se dá ao lado de uma edificação com presença de platibanda e cobogós coloridos além de ser amplamente decorada com revestimento em azulejos e mosaicos coloridos.



Fachadas em 2012 e 2020 respectivamente	
Av. Marquês de Herval, 2011	Av. Pedro Miranda, 576
	
	

**Quadro 04. Exemplo de recente assimilação do RAIO QUE O PARTA (à esquerda) e apagamento do desenho na platibanda, revelado pelo desgaste da pintura**  
Fonte: Google Street View, 2012, 2020

A aproximação entre as casas Raio que o parta e as “modernas” nos bairros estudados é percebida pelo aspecto exterior em comum, daí nossa escolha do termo “coetânea” para referir-se a uma proximidade temporal através da aparência, dado que os materiais – azulejos e cobogós, por exemplo – encontrados nas fachadas são da mesma época. O ponto mais importante da classificação foi encontrar os limites tênues que separam uma forma de assimilação da outra; como se trata de uma arquitetura popular cuja espontaneidade ganhou variadas aplicações, concluímos que não é possível traçar um perfil fixo de cada manifestação, senão apontar os elementos que as diferenciam, levando em consideração a cidade e bairro em que se localizam.



Quadro 05. Casas coetâneas no Marco

Fonte: Autoras, 2020



Quadro 06. Quadro x. Casas coetâneas na Pedreira

Fonte: Autoras, 2020

## Por um enquadramento da arquitetura Raio que o parta

Considerando as pesquisas já realizadas sobre o assunto, compreende-se que a arquitetura Raio que o parta se tratou de uma manifestação não erudita do movimento moderno, além de ser passível de apresentação como patrimônio arquitetônico a fim de sensibilizar a comunidade (moradores, proprietários e arquitetos) à garantia de manutenção e conservação dos exemplares.



Os bairros do Marco e da Pedreira se posicionam com destaque na história da capital paraense, além de hospedar numerosos exemplares Raio que o parta que ilustram a grande disseminação dessa arquitetura nas fachadas. Apesar das permanências (casas conservadas) se apresentarem em maior número, existe a possibilidade de apagamento de exemplares devido à falta de manutenção e reparos.

Verificou-se ainda nesta pesquisa que as residências que possuem suas características Raio que o parta em maior grau de conservação apresentam-se em maioria expressiva como sendo ocupadas por moradores. Portanto, juntamente à educação patrimonial e aprofundamento de estudos e pesquisas acerca do tema, o incentivo à ocupação de tais exemplares mostra-se como uma resposta em potencial para não agravar o processo de apagamento de tais fachadas contribuindo assim com a preservação da memória arquitetônica paraense.

Destacamos o esforço que vem sendo empregado através de pesquisas para colocar obras nascidas a partir de não-arquitetos no escopo dos debates acadêmicos sobre arquitetura e estética. Nesse contexto, propomos uma categoria dentro da assimilação popular do modernismo na arquitetura paraense não somente para auxiliar a compreensão dos seus elementos característicos, como tornar evidente o grau de permeabilidade desse fenômeno em grupos sociais distantes da classe média e alta, como atestam as observações iniciais e a noção do modernismo como um produto para a elite.

## Referências

BARCESSAT, Maria et al. **Arquitetura de Belém de 40 a 80**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1993.

CARDOSO, Andréia L. **A valoração como patrimônio cultural do “Raio que o parta”: expressão do modernismo popular, em Belém/PA**. Dissertação (Mestrado). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012.

CARVALHO, Ronaldo Marques de; MIRANDA, Cybelle Salvador. Dos mosaicos às curvas: a estética modernista na Arquitetura residencial de Belém. *In: Arquitextos*. 2008. Disponível em: <<http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/10.112/25>>. Acesso em: 15 out. 2012.

LARA, Fernando. Modernismo de fachada? Considerações sobre a apropriação popular da estética modernista. *In: Anais do VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Salvador: UFBa, 2002.

LARA, Fernando. Modernismo Popular: elogio ou imitação? *In: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v.12, n.13, p.171-184, dez. 2005.

MELLO JUNIOR, Donato. **Arquitetura e açaí de Belém**. 1966. 4 f. Discurso para formandos da 1ª turma de Arquitetos da Universidade do Pará (Curso de Adaptação Profissional de Arquitetura). Universidade do Pará, Belém, 1966.



ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Iluminuras – Banco de Imagens e Efeitos Visuais**, PPGAS/UFRGS, n. 44, 2003.

RODRIGUES, Rodrigo L. **As variações do morar moderno e a assimilação da arquitetura moderna em residências de Belém entre 1940 e 1970**. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SANTOS, Ivana. **Raio-que-o-parta – Um fragmento entre cultura e sociedade**. Monografia (Especialização) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 1995.

VIDAL, Celma. La ciudad del nuevo ecletismo (1930-1950). *In: La arquitectura em Belém, 1930-1970: Uma modernización dispersa com lenguajes cambiantes*. Tese (Doutorado) - Escola Técnica Superior de Arquitetura, Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, p. 114-190, 2004.

VIDAL, Celma. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. *In: Revista Risco*. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44757>>. Acesso em: 28 mai. 2014.